

UMA BANCA DE DEFESA: DELINEAMENTOS DE UMA PERFORMANCE EM GUIAS ONLINE PARA CANDIDATOS

A thesis defense examination: outlines of a performance in online guides for candidates

Una junta de defensa: bosquejos de la performance en guías en línea para candidatos

Luís Mauro Sá Martino¹

Resumo

Este texto analisa aspectos da performance ritual de bancas de defesa a partir do estudo de 9 guias online sobre apresentação de trabalhos acadêmicos. A análise sugere que (1) interações iniciais são decisivas para compor a cena; (2) a apresentação é planejada em detalhe; elementos fora do script são “erros”; (3) celebrações finais após a banca são parte da performance. Esses pontos são discutidos a partir de estudos de ritual e performance.

Palavras-chave: Performance. Comunicação. Defesa de tese. Subjetividade.

Abstract

Thesis presentations are a common and feared ritual of academic life. This paper outlines some aspects of it, drawing on the indications of nine webguides. It suggests that (1) initial interactions decisively to set the scene; (2) the presentation is thoroughly set; anything out of the script is a ‘mistake’; (3) end celebrations are part of the performance. These findings are framed and performance studies.

Keywords: Performance. Communication. Thesis Defense. Subjectivity.

Resumen

Este texto analiza la performance ritual de las defensas de tesis a partir del estudio de nueve guías web sobre presentación. El análisis sugiere que (1) interacciones iniciales son decisivas para la escena; (2) la presentación es planificada; cualquier cosa fuera del script es un “error”; (3) las celebraciones finales son parte de la performance. Estos puntos se discuten en base a estudios de rituales y performance.

Palabras-clave: Performance. Comunicación. Defensa de tesis. Subjetividad.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor do PPG em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. SP (Brasil) lmsamartino@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5099-1741>

Introdução

Si hay una palabra recurrente a la hora de hablar de los exámenes orales, esta es “miedo”. En qué reside ese miedo? Fundamentalmente se habla de un temor a quedar expuesto en lo que no se sabe y se supone que se tendría que saber, inadecuación que derivaría en un “maltrato” y que generaría sentimientos de vergüenza (Maria Paula Pierella, 2014, p. 107).

Dentre as práticas acadêmicas, as bancas de avaliação parecem revestidas de um sentido especial de performance. É o momento do qual depende, parcial ou integralmente, a conclusão de um curso, a obtenção de um título e passagem para outro grau. Momento único das atividades acadêmica, diferente das aulas, eventos e avaliações que pontuam a trajetória educacional, é uma experiência compartilhada: da graduação ao doutorado, a ideia da banca ronda as vivências de alunas e alunos.

Em termos normativos, bancas de defesa são procedimentos objetivos, definidos em estatutos ou regimentos de cada faculdade. Para além disso, a performance real da banca, é bem menos nítida. Trata-se de um momento no qual são acionadas subjetividades, emoções e afetos, alimentado por dúvidas sobre o que acontece. No folclore dos corredores universitários não faltam histórias que destacam quebras na ordem ritual, situações de embaraço, constrangimento ou mal-estar.

Esse cenário pode estar na origem de toda uma produção, disponível na Internet, de páginas e vídeos sobre “como agir na hora da banca”: se é possível pensar a banca como um “rito de passagem” acadêmico, utilizando a expressão de Van Gennep (1978), esse material apresenta aspectos práticos das ações esperadas em termos de gestos, fala, vestimenta e movimentação – em outras palavras, a performance que constitui o “mistério” do ritual.

Qual é a performance indicada nessas páginas? O que dizem sobre o momento de realização do ritual? Essas perguntas, na origem deste trabalho, são endereçadas a nove sites selecionados a partir de mecanismos de busca com as entradas “Banca” e “Defesa” combinadas com “TCC”, “Mestrado”, “Doutorado”, “Dissertação” e “Tese”. O quadro 1 detalha as páginas:

Quadro 1. Páginas analisadas

Autor / Autora	Nome	Endereço
CANAL DO ENSINO	Como apresentar uma monografia de forma eficiente	< https://canaldoensino.com.br/blog/como-apresentar-uma-monografia-de-forma-eficiente >
FONTENELLE, André (2018)	Como apresentar um tcc	< https://andrefontenelle.com.br/como-apresentar-um-tcc/ >
KUSHNIR, Karina (2015).	Defesa de doutorado: dez dicas para sobreviver (e aproveitar)	< https://karinakuschnir.wordpress.com/2015/02/19/defesa-de-doutorado-dez-dicas-para-sobreviver-e-aproveitar/ >
MARTINS, Milene M (2018).	Defesa de mestrado: 12 dicas para se sair bem	< https://viacarreira.com/defesa-de-mestrado-dicas/ > Consulta 10.07.2020
MELLO, Marco A. R. (2019).	O que é uma defesa de tese?	< https://marcoarmello.wordpress.com/2019/10/09/defesa/ >
MOTA, Danilo. (2020).	6 Erros de Oratória em Apresentações de TCC	https://www.superedesafios.com.br/6-erros-de-oratoria-em-apresentacoes-de-tcc/
REIS, Paloma (2016)	10 dicas de como sambar na cara da sua banca de TCC.	< https://www.sobreotatame.com/10-dicas-de-como-sambar-na-cara-da-sua-banca-de-tcc/ >
SGARBI, Adrian (2013)	O que não fazer em sua defesa de tese.	< http://pesquisatec.com/new-blog/2013/9/2/o-que-no-fazer-em-sua-defesa-de-dissertao-ou-tese >
TYBEL, Douglas (2018).	Apresentação de TCC	< https://guiadamonografia.com.br/apresentacao-tcc/ >

FONTE: elaborado pelo autor

Um olhar inicial nas palavras dos títulos sugere as emoções ou expectativas ligadas à performance: “sobreviver”, “erros mais comuns”, “o que não fazer”, até “se sair bem” e “sambar na cara da banca”, mostram um espectro de possibilidades, quase sempre na defensiva – o ritual chama-se, não por acaso, “defesa”.

Do total de resultados, foram estudados os que destacavam a performance dos candidatos, sublinhando aspectos subjetivos do momento, como em pesquisas anteriores (MARTINO; MARQUES, 2018). O estilo das páginas varia da recomendação formal ao depoimento pessoal. Seis são escritas por professores, duas por jornalistas e a última por uma empresa, sem identificação de autoria. O exame das recomendações permite recompor e problematizar as etapas do processo. Não se trata de avaliar as sugestões, mas tomá-las como indícios da organização interacional da performance. Para além das normas, indica Dawsey (2007, p. 528), “estudos de

performance demonstram um interesse marcante por elementos estruturalmente arredios: resíduos, rasuras, interrupções, tropeços e elementos liminares. Ruídos”. A epistemologia da comunicação, como discutido em outros momentos (MARTINO, 2018; MARTINO; SANTOS, 2020) se manifesta também nas práticas interacionais acadêmicas.

Por razões de espaço, são reproduzidos aqui apenas os trechos mais representativos, eventualmente editados. Os conceitos de “performance” e “ritual” são trabalhados no entrelaçamento com o objeto. Para um debate específico, remete-se a Silva (2005), Peirano (2006), Langdon (2007) ou Carlson (2011).

O texto busca uma reflexão sobre procedimentos nos quais também se atua: é, portanto, como participante do jogo, olhando “de dentro”, que se faz este estudo. Como afirma Turner (1974, p. 202), “se a liminaridade é considerada como um tempo e um lugar de retiro dos modos normais de ação social, pode ser encarada como sendo potencialmente um período de exame dos valores e dos axiomas centrais da cultura em que ocorre” – e é esse exame, como parte do universo pesquisado, que se busca.

Não existe aqui pretensão de originalidade na escolha do assunto. A título de exemplo, Bezerra (2010) detalha o momento da banca a partir de um ponto de vista dos gêneros textuais. A autora (BEZERRA, 2010, p. 646) propõe quatro “movimentos” nessa ação: “abertura, defesa propriamente dita, deliberação da banca e encerramento” aos quais, a partir de Goffman (1981), acrescentam-se dois outros: o “pré-cena”, momentos que antecedem o início da banca, e o “pós-cena”, nova configuração de interações entre os participantes ao final. Como indica Schechner (2011, p. 163), “as maneiras de concentração através da preparação e aquecimento e as maneiras de voltar através do desaquecimento são liminares, estão entre o ordinário e o mundo da performance, servindo de transição entre um e outro”.

No que se segue, o texto acompanha cronologicamente esses momentos.

O momento pré-cena

A performance relacionada ao ritual da banca é precedida por um momento, de duração variável, uma pré-cena, formado pela chegada de avaliadores e convidados e sua entrada na sala onde deve se realizar a defesa. Aparentemente livre de formalidade, uma vez que a banca não começou, nota-se aí ações de preparação do momento a seguir, construindo significado da cena principal.

A entrada na sala de defesa, mesmo informal, é revestida de uma certa ritualidade visível na maneira como o ambiente é preparado, seja em uma sala de aula ou auditório. Van Gennep (1978, p. 36) argumenta que a mudança física de espaço, sobretudo na entrada, é um demarcador que não indica apenas uma mudança de lugar físico, mas a entrada em uma outra ordem simbólica. Isso se traduz em uma recomendação dos sites: “Conheça a sala onde será sua defesa de mestrado – Essa dica é bem importante: visitar a sala de defesa, talvez até para assistir a apresentação e a avaliação de um colega pela banca (...)” (MARTINS, 2018).

Ultrapassar o limiar da porta do local da defesa coloca os participantes em contato com o cenário da ação. Em geral, o espaço para a performance do ritual é organizado pelo corpo técnico da universidade. Há três divisões no espaço, demarcando os lugares: de três a cinco para a banca, diante de uma mesa e cadeira para o candidato, em posição lateral ou oblíqua em relação à audiência. A formalidade parece indicar a movimentação e posicionamento dos participantes desde a chegada, de acordo com o que devem fazer durante a performance do ritual.

O espaço de cena comunica uma ruptura com o espaço físico, o “lado de fora” da sala (corredores, outras salas de aula) e com o esperado do auditório ou sala de aula (aulas, debates e palestras, por exemplo). Como lembra Sainy Veloso (2014, p. 199), “em um ritual, tempo, espaço e as pessoas nele envolvidas não são os mesmos na vida cotidiana”, inseridos em “ambiente simbólico que os ressignifica e, por sua vez, transforma seus atributos e *status*”.

Sobre as mesas dos avaliadores e do candidato geralmente há um copo ou garrafa de água: a atividade vocal esperada pode ser intensa e requer algum tipo de micro-intervalo durante o próprio processo. Para o candidato, “tomar água” pode significar segundos a mais para pensar na resposta de uma questão. Um dos sites estudados amplia essa recomendação:

(...) levar água e uma comidinha discreta para o intervalo (chocolate, castanha, uva). Na minha defesa, levei aqueles saquinhos com mel dentro; mas eu mordida, mordida, e nada de abrir... foi horrível. O doutorando mais engraçado que já vi começou a defesa instalando um verdadeiro piquenique na mesa: comidinhas variadas, bebidas, guardanapos! (E passou super bem. Foi considerado excêntrico) (KUSHNIR, 2015).

Essa pré-cena conta com certa ritualidade, ainda que amenizada pelo fato da banca em si ainda não ter sido iniciada. Trata-se da recepção a avaliadoras e avaliadores, geralmente recebidos pelo orientador do trabalho e, em seguida, pelo candidato – embora isso não seja regra. As interações respeitam as regras sociais de polidez, com diferentes graus de familiaridade e afeto entre avaliadores e orientador, de um lado, e avaliadores e candidato, de outro. Um dos sites indica uma ordem dos cumprimentos:

Comece sendo simpático e cumprimente aos membros da Banca do mais graduado ao menos graduado; inicia-se a apresentação pelo Doutor, depois apresenta-se o Mestre, em seguida o Especialista e por fim o Bacharel ou Licenciado. Cumprimente seu professor e orientador por último independentemente de sua formação, depois os demais presentes (professores, colegas, amigos e familiares presentes). Se o reitor da universidade estiver presente o cumprimente neste momento, seguido dos professores e os demais (CANAL DO ENSINO, s. d.).

Raramente são observados comentários a respeito do trabalho prestes a ser avaliado: trata-se de um “bastidor”, no sentido dado por Goffman (1985), em relação à posição do candidato, o que talvez explique a ausência de referências nos sites analisados. A interação pré-cena entre avaliadores e candidato toma um rumo diferente: ao cumprimentar os avaliadores, o candidato sabe que, em poucos minutos, a instauração do ritual os colocará, ainda que de maneira amigável e dialógica, em lugares opostos na performance. Conversas, quando existem, voltam-se para a situação (“E aí, preparado?”, “Está nervoso?”, “Então, chegou o momento”). Um site destaca essa ambiguidade como um erro a ser evitado:

(...) É normal conhecer algum membro da banca. Essa é uma consequência de ter sido seu aluno. Mas não espere receber no dia de sua avaliação demonstrações de afeto e não saia por aí abrindo os braços tentando estabelecer conversa de extrema amizade. (...) Um gesto assim, ainda que sem intenção, não fica bem. Trate todos os membros da banca

com igual profissionalismo (SGARBI, 2013).

O momento pré-cena pode marcar também um breve trânsito entre o espaço acadêmico e a vida particular do candidato. A chegada de familiares, parentes e amigos instaura uma circulação de referências afetivas até então desconhecidas naquele espaço – exceto, talvez, do orientador. Para algumas pessoas, inseridas em um lugar do qual muitas vezes apenas tinham ouvido falar, talvez seja o primeiro contato real com o trabalho que viram sendo elaborado por anos a fio, testemunhando noites sem dormir, finais de semana reclusos, saídas a campo ou horas de leitura e análise. A performance física e discursiva dos laços afetivos dos convidados no ritual não é apenas como “audiência”, mas participantes de uma rede visível nos agradecimentos iniciais do trabalho (MARTINO; MARQUES, 2019).

Há, no entanto, um risco implicado nesse momento, atribuído à natureza limiar da performance: o candidato está ainda em processo de avaliação. Para Turner (1974, p. 202), “a liminaridade que caracteriza os ritos de elevação de ‘status’ nos quais o sujeito do ritual, ou o noviço, é conduzido irreversivelmente de posição mais baixa para outra mais alta, em um sistema institucionalizado de tais posições” – algo que, nesse momento, ainda não aconteceu. Um dos sites destaca:

Por sua vez, a defesa não é uma comemoração. Ela é um exame e é bom ter clareza sobre isso. É comum no Brasil um candidato a mestre ou doutor convidar a família. Contudo, a experiência nem sempre é agradável para não-acadêmicos. Na defesa, ao contrário da formatura, você ainda não conquistou o título. Logo, pode ser que as coisas não saiam como você espera (MELLO, 2019).

O tempo anterior ao início da performance é geralmente interrompido pelo orientador com um convite informal para que todos tomem seus lugares, levando a uma rápida movimentação.

Entram em cena novos objetos: os volumes do TCC, dissertação ou tese ocupam o lugar principal diante de cada avaliador, junto com material de escrita e, eventualmente, livros – indício de sugestões ao longo da arguição. Uma bibliografia desconhecida pode

significar tanto uma sugestão quanto a verificação de lacuna nas referências. Outro índice são as marcas nos volumes: o número de “post-its”, cliques ou dobras nas folhas são um indicador da quantidade de comentários que serão feitos.

Há uma progressiva preparação da postura corporal – endireitar-se na cadeira, assumir uma posição de centralidade diante do volume do trabalho, fazer eventuais anotações antes de levantar o rosto, comunicando a passagem de momento. Birdwhistell (1970) indica que essa movimentação corporal é uma configuração do gesto comunicacional de performance: movimento e postura criam o ambiente para a transição, confirmada na pergunta do orientador para os outros membros da banca (“podemos começar?”) e reforçada, às vezes com um gesto da cabeça, com o candidato. É possível, nesse momento, uma rápida troca de olhares entre o candidato e algum familiar mais próximo, encorajamento diante do que está para começar. E também não é raro ouvir uma respiração profunda do candidato. A performance do ritual pelo qual se esperou durante meses, talvez anos, tem início.

A cena da performance

A instauração do ritual é performada por um ato verbal do orientador após o silêncio da sala e a troca de olhares com os participantes. Há uma mudança na performance vocal, geralmente buscando um tom alto e claro – o ritual envolve todas e todos na sala, e sua voz precisa se projetar em todo o ambiente. O início é um marcador linguístico (“Começamos agora a banca de avaliação de...”) que, desnecessário em termos pragmáticos, separa o início da performance dos instantes que o precederam e define a formalidade do que se segue.

É o momento de identificar os participantes do ritual e ação de cada um. O lugar do orientador e do candidato podem ser conhecidos, embora caiba ao primeiro ler o título e indicar o grau do trabalho. O momento seguinte é a apresentação dos avaliadores pelo orientador, de especial importância para garantir a legitimidade do ritual. Quanto mais alta a posição dos avaliadores no campo científico ao qual o candidato busca acesso, maior a consagração institucional do trabalho, na medida o ingresso é cancelado por

peessoas com um alto capital acadêmico, nos termos de Bourdieu (2016, 2019). É necessário que os avaliadores, responsáveis pela parte mais “técnica”, por assim dizer, do ritual – e, por isso, pouco acessível aos não iniciados – sejam publicamente apresentados.

Seria possível identificar uma expectativa de troca de capital acadêmico no momento da avaliação: diante de uma banca altamente qualificada, o peso da crítica é relativizado, enquanto o elogio ganha importância – não veio de “qualquer pessoa”, mas de um detentor da prerrogativa de performar o ritual no mais alto grau possível.

Esse movimento costuma ser seguido da explicação, pelo orientador, a respeito dos momentos da performance no ritual. Trata-se não apenas de um esclarecimento ao público externo à academia ou de indicar as particularidades de tempo próprias de cada instituição, mas antecipação do ritual. A explicitação das regras é parte da ação, recordando a todos o que está se passando em cada momento.

A palavra, então, é passada pelo orientador ao candidato.

Há um número relativamente limitado de possibilidades nesse momento, quando todas as atenções da sala estão concentradas sobre a pessoa. Isso pode significar, para algumas pessoas, desconforto (extremo, em alguns casos) provocado pela tensão do momento. Uma saída relativamente comum é explicitar esses sentimentos. Frases como “Estou um pouco nervoso...” ou “Desculpe, fico meio ansioso...” são acompanhados de um sorriso constrangido ou comentários sobre estar ali – procedimento não recomendado por um dos sites analisados, inclusive (MOTA, 2020). O sentimento de embaraço, definido por Goffman (1985), parece dominar esse primeiro momento, corrigido por modulações físicas (respirar fundo, tomar água) para retomar o tom e iniciar, de fato, a performance do ritual.

O momento de apresentação do texto é, de certa maneira, o coração do processo, pedido de ingresso em um círculo ou grau acadêmico, reivindicação de um lugar como especialista diante daqueles que detém essa condição. Trata-se, além disso, da exposição pública: não se fala apenas para a banca, mas também para uma comunidade.

Goffman (1981) mostra as diferenças entre uma fala mais “espontânea” (“fresh talk”) e a “leitura” (no caso, de um texto prévio) em falas públicas, com os riscos implicados em cada uma delas – algo visto nos momentos da banca. As recomendações dos sites se dirigem à busca da fala que se mostra espontânea:

A apresentação oral deve ser feita de forma dinâmica, como uma boa [palestra](#) (...) Conte uma boa história para as pessoas presentes. Ao contar essa história, demonstre estar seguro sobre as escolhas que fez (MELLO, 2019).
Durante a apresentação, fale pausadamente, mantendo o corpo ereto, movendo o olhar em direções diferentes (MARTINS, 2018).

Você já viu como um repórter de TV se comporta? Pois é assim que você deve se parecer, pois as pessoas não interagem com reportagens, elas simplesmente assistem (FONTENELLE, 2018).

É comum nesse momento o uso de uma apresentação em “PowerPoint” pelo candidato. O lugar dos *slides* em relação à apresentação oral não costuma ser bem demarcado, podendo variar desde a apresentação de tópicos, palavras-chave, figuras ou esquemas até a leitura, com breves comentários, de longos blocos de texto. Se a fala espontânea traz o risco de perda a linha de raciocínio, a leitura arrisca-se à redundância (o candidato lê uma frase no *slide* e a repete, com outras palavras: “Então, é, como diz o autor...”). Isso é mencionado na literatura:

Planeje estrategicamente [principalmente por causa do tempo, 60 a 90 segundos por slide é um bom tempo] quais pontos você precisa destacar e COMO você vai destacá-los, o TOM de voz e a expressividade que damos às palavras são fundamentais nesse momento, assim como DIRECIONAR O OLHAR para os avaliadores e para a plateia [NUNCA DE CABEÇA BAIXA OU DE COSTAS!] (...) (REIS, 2016).
(...) Tenho implicância com power-point de texto em defesa, mas para imagens ou filmes, às vezes é inevitável (KUSHNIR, 2015).

Em alguns casos, a exposição é pontuada por elementos de autocritica, evidenciada na forma de comentários negativos sobre o próprio texto, explicitação das limitações na elaboração da pesquisa ou de pontos abandonados ao longo do processo. É possível, nesse caso, fazer – entre outras – tanto uma leitura estratégica da antecipação de críticas da banca, mas que pode se caracterizar como permeado por dúvidas em um universo pouco familiar, como indica uma das páginas analisadas:

Elimine de sua cabeça frases como: “Eu também não estou feliz com o meu capítulo 3” ou “Eu também acho que minha tese poderia ter sido muito melhor”. Argumente antes de dar-se por vencido e admita quando determinado ponto não estava no foco de suas preocupações (SGARBI, 2013).

Durante esse tempo é esperado que orientador e avaliadores se mantenham em silêncio, observando a apresentação, fazendo anotações ou conferindo pontos do trabalho. Há, em alguns casos, um jogo não verbal de trocas, sobretudo entre candidato e orientador. Essas interações, marcadas pelas expressões faciais, podem se desenrolar em momentos particularmente críticos, como a exposição de algum conceito mais complexo ou questão metodológica – a confirmação visual pelo orientador parece ser fundamental para o prosseguimento da exposição.

A distribuição da fala pelo tempo de exposição também é mencionada: a distribuição do tempo é fundamental para a eficácia do momento e da sequência de eventos. O anúncio, geralmente pelo orientador, do encerramento do tempo pode ter um efeito negativo: diante da informação “você tem cinco minutos”, ou outro índice é possível observar às vezes uma surpresa do candidato, expressa em interjeições como “Nossa!”, “Só?!”, “Meu Deus!”. Essa frase, dita muito mais para si do que para o público – indicação de Goffman (1981) –, é costumeiramente seguida pela correção verbal da condição de embaraço criada pela própria surpresa: “estou no final”, “vou encurtar”, em tom de censura, resistência ou resignação:

Além disso, fique de olho no relógio. É melhor deixar de falar algumas coisas que você deseja do que ultrapassar o tempo (FONTENELLE, 2018).

Não respeitar o tempo. (...) a primeira coisa que você deve se preocupar é fazer a sua explanação dentro do tempo estipulado. Esse tempo geralmente fica entre 15 e 20 minutos, mas pode variar de instituição para outra. Portanto, fique atento (MOTA, 2020).

Esse momento costuma ser seguido do encerramento da performance de exposição oral. Ponto central do ritual, é terminada quando o candidato agradece, retorna ao seu lugar ou encerra sua postura de exposição.

O orientador, organizador da sequência do ritual, passa a palavra à banca. Para o público, sobretudo aqueles não familiarizados com o ambiente acadêmico, é talvez o momento mais hermético do ritual, quando banca e candidato tendem a dialogar em uma linguagem específica. Trata-se da demarcação, no coração do ritual, da fronteira simbólica entre quem segue o rito de passagem (avaliadores, orientador, candidato) e os que participam como testemunhas. Um dos sites indica essa separação:

Logo, os seus familiares e amigos terão que assistir os revisores dissecarem não apenas a sua tese, mas também você. Mesmo que a banca faça apenas críticas construtivas, de forma educada, aos ouvidos de quem não é acadêmico a arguição sempre parece cruel (MELLO, 2019).

Se há um momento em que todo o imaginário da banca pode ser acionado, é o instante da arguição, sobretudo a partir das histórias em circulação nos corredores universitários (“a banca acabou com o trabalho...”, “a avaliadora arrasou com as normas...”). Isso é ressaltado em algumas das páginas:

O meu Grande-Medo era ouvir críticas que eu não soubesse responder; ou pior: críticas tão ferozes que não restasse nada de bom no meu trabalho. Isso é uma Grande-Bobagem, por vários bons e maus motivos... Um bom motivo é que, como escreveu Umberto Eco, se foi você mesmo que fez a pesquisa, você é a pessoa que mais saberá defendê-la. Confie nisso. Outro bom motivo é que todo trabalho tem pontos fortes (ou deveria). Valorize os seus caminhos e as suas opções (KUSHNIR, 2015).

E se o avaliador detonar seu trabalho? Se algum avaliador fizer algum comentário negativo, justifique-se apenas uma

vez. Não discuta! Ao contrário... Os avaliadores adoram fazer críticas! Então agradeça pelas críticas! (FONTENELLE, 2018).

O momento é pautado pela interação face a face. O avaliador dirige-se ao candidato, exceto por menções ocasionais à atuação do orientador, ou, raramente, comentários sobre o que foi dito por outros membros da banca. Em algumas bancas, a passagem das considerações gerais ou elogios para a pontuação críticas é antecedido de uma tentativa de colocar o comentário em perspectiva, evitando a personalização da questão ou uma derivação para além daquele momento. Usera (2018), a partir de Goffman, descreve isso como tentativa de “esfriar” a pessoa, diminuindo o impacto da negativa. Isso aparece no material pesquisado:

Sim, pode “dar ruim” no dia. Como eu disse anteriormente, a banca não avalia apenas o seu trabalho escrito e a respectiva apresentação oral, mas também a solidez da sua formação como cientista (MELLO, 2019).

Uma apresentação de TCC vai ter críticas, esteja certo. Certa vez, um professor que sempre orienta trabalhos acadêmicos me disse que se uma monografia/TCC é muito criticada é por que é bom trabalho e precisa de refinamentos. Verdade ou não, esteja pronto para receber críticas... e a aceitá-las! (MOTA, 2020).

Uma ruptura rara é a resposta do orientador a algum questionamento ou crítica endereçada ao candidato. Esse procedimento se adequa à “preservação de face” de outra pessoa quando é apontado algum erro que tenha sido de responsabilidade do orientador. Geralmente esse “mea culpa” é a única interrupção aceitável do rito: um orientador que decidisse responder às arguições dirigidas ao orientando deslocaria o sentido do processo:

Aliás, um erro muito comum entre orientadores novatos é defender a tese no lugar do candidato. A banca quer saber o quanto o aluno se desenvolveu e quão academicamente maduro ele se tornou. Ela presume de antemão que o orientador sabe muito do assunto e, portanto, não está interessada em apreciar a erudição dele (MELLO, 2019).

Nesse momento da performance, o volume do trabalho, materialidade do ritual, passa a um lugar central: referido em sua totalidade ou a partir de páginas específicas, é o ponto do argumento. As marcas vistas no início – “post-its”, clipes, dobras – transformam-se em observações. O candidato segue as páginas indicadas, procedimento às vezes repetido também pelo orientador e pelos outros avaliadores.

Ao final de um tempo delimitado, que pode parecer infinito para o candidato e curto para o avaliador, o orientador passa a palavra ao candidato – não sem antes marcar esse momento com uma breve fala, desde o agradecimento até o elogio pela qualidade da arguição (“obrigado pela aula”). No entanto, posturas negativas também são antecipadas em alguns dos sites:

É claro que, se houver algum membro vaidoso demais, que chegue a transformar o momento em um showzinho particular, é melhor o seu orientador abatê-lo antes que seja tarde demais. Tome muito cuidado com quem você convida para a banca (MELLO, 2019).

Seja educado, inclusive quando o membro da banca não for. (...) Todos irão se lembrar de sua postura educada em contraste com a do destemperado. Será 1x0 para você (SGARBI, 2013).

O protagonismo da performance retorna ao candidato, que deve responder por seu trabalho e mostrá-lo digno de concluir o ritual. A duração depende do teor das respostas e eventuais pontuações do avaliador, seja para esclarecer a pergunta ou questionar o que está sendo dito. Esse diálogo é encerrado, após um tempo, com o acordo sobre uma posição, situação ideal, a retirada de uma proposição ou postergação do debate. Cabe ao orientador finalizar a etapa a partir de uma pergunta ao avaliador sobre sua satisfação com a resposta.

Essa performance é repetida na interação com os outros avaliadores, acrescida, no entanto, de referências às falas anteriores, seja para sublinhar algo dito eliminar redundâncias ou, mais raro, discordar do colega avaliador – no extremo, chega-se à polêmicas entre membros da banca, quando o sentido do ritual de passagem parece ser suspenso até que o orientador reorganize a performance.

A finalização do circuito de performances constituído pelas arguições e respostas encerra a parte mais visível do ritual. Trabalho apresentado, questionado e defendido, chega-se à avaliação. O término é marcado por uma intervenção do orientador com um breve comentário ou síntese sobre o trabalho ou o processo de pesquisa, seguido de um pedido ao público que se retire: terminado momento de maior visibilidade, e trata-se agora do seu oposto, espaço hermético onde se vai definir o resultado ritual, protegido do olhar externo. O constrangimento resultante de um “vazamento” (por exemplo, quando a banca está sendo gravada e o gravador é esquecido ligado nesse momento) diz respeito ao fato de tratarem de considerações entre os pares, interditas ao público.

Cabe geralmente ao orientador “chamar as pessoas”. O retorno é caracterizado por uma marcada formalidade e, em alguns casos, certa pressa: um atraso implica demora no anúncio do resultado, clímax e encerramento do ritual, quando então se observa (espera-se) a passagem do candidato a uma outra condição, a saída do “espaço de liminaridade” (TURNER, 1974) para outro lugar – o grau acadêmico.

A postura cerimonial é intensa: orientador, avaliadores, público e candidato ficam em pé. A dramaticidade desse momento da performance depende do orientador, variando desde o anúncio imediato, em voz forte e sonora, ou de maneira mais contida, em meio à leitura de ata ou documento. A performance vocal delimita o final da banca e do processo ritual, e indica a mudança de condição: o candidato é detentor do título; avaliadores e orientador são colegas, ou estão um passo mais próximos.

O pós-cena: encerramento da performance

A parte mais intensa do ritual, com todas as suas performances, está cumprida. Aparecem agora, em primeiro plano, laços afetivos deixados em suspenso. As diferenças de expressão variam de acordo com cada universidade, mas é possível encontrar desde um breve discurso de agradecimento do já ex-candidato até a utilização de músicas para o encerramento. O público deixa o espaço delimitado onde estava, assume o centro da cena e enfeixa uma parte marcada pelos cumprimentos. A importância dessa presença é destacada:

CHAME UMA PLATEIA – Algumas pessoas são tímidas e não querem que ninguém veja sua apresentação, mas lembre-se um dos motivos do seu TCC é a relevância social e científica, então, DEIXA O MUNDO TE VER! Maaaaas, se isso não te convenceu, eu sei como te convencer! Se liga! Ter uma sala cheia gera uma tensão na banca, afinal de contas é pouco provável que os avaliadores te esculhambem em uma sala cheia de gente! MUAHAHAHA (risada maligna) Pronto pro *show*? E se te esculacharem, relaxa, seus amigos tão ali para te consolar! (REIS, 2016)

Além dos cumprimentos, a cena é marcada pelas fotografias produzidas por amigos e familiares que acompanharam o ritual. A legitimidade do processo, em sua ritualística, é seguida pela garantia assumida da imagem: a foto com a banca, geralmente a ser postada nas redes sociais, com dedicatórias e marcações, marca o término público do trabalho. No entanto, a performance, neste caso também, pode assumir rumos inesperados, implicado em uma recomendação:

Depois do presidente da banca anunciar a avaliação final e declarar encerrada a sessão, caminhe até cada um dos membros da banca e os cumprimente. Comece pelos professores de fora da universidade; passe para os professores do departamento; por último (e espero que com maior afeto) agradeça ao seu orientador. Nunca deixe de cumprimentar todos os membros da banca no final, principalmente o arguidor que foi duro na arguição. Pode acreditar, isso acontece. No final da arguição não apenas um candidato deixou de me cumprimentar como a sua família, que estava lá, também. Não faça isso (SGARBI, 2019).

Em certos casos, esse também é o momento de entrega de presentes para a banca – material de escritório ou papelaria, doces e chocolates, um livro, algo do lugar de origem do candidato. A materialidade do momento é fundamentada na expressão de um agradecimento pela participação no ritual. A partir daí a esfera das relações pessoais toma o primeiro lugar, dando início à celebração fora da universidade. Deixar o local é desfazer a rede simbólica e o laço de significado que teve lugar ali. Ainda que a banca saia para outra atividade conjunta, o sentido da performance ritual está encerrado.

Considerações finais

De maneira sintética, é possível dizer que os sites analisados mostram o momento da banca como performance de um rito de passagem, visto, a partir de Van Gennep (1978, p. 31), como “a passagem de uma situação à outra, de um mundo (cósmico ou social) a outro”. Trata-se de uma mudança simbólica no grau acadêmico da candidata ou candidato, com todas as prerrogativas que isso implica em termos profissionais e acadêmicos. O rito de passagem se desdobra desde uma “pré-cena” até uma “pós-cena”, ambas normatizadas como performances, que enfeixam a parte central composta pela arguição – a “banca” propriamente dita.

A performance, nesse sentido, é indicativa de uma prática que ultrapassa o senso comum do “ritual” (como “gesto vazio”) para recuperar sua dimensão como prática social e simbólica. Schechner (2013, p. 28) indica que “a performance é o comportamento duplamente comportado, o comportamento restaurado. A performance é um amplo espectro de formas de entretenimento, artes, rituais, política, economia e interações de pessoa a pessoa. *Toda e qualquer coisa pode ser estudada “como” performance*”. O espaço de construção ritual não deixa de se apresentar também como lugar de interação: as ritualidades podem ser interpretadas, nesse aspecto, como processos comunicacionais que remetem a elementos externos, com forte sentido normativo. A performance, no caso, de uma atividade acadêmica comum, mas dificilmente ordinária.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Richard (2014). Fundamentos da performance. **Sociedade e Estado**, n. 29 No.3 Setembro/Dezembro 2014, pp. 727-746.
- BIRDWHISTELL, Ray (1970). **Kinesics and Context**. Pennsylvania: UPP.
- BOURDIEU, Pierre (2014) **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Unesp.
- BOURDIEU, Pierre (2019). **Homo academicus**. Florianópolis: UFSC.
- BEZERRA, Maria A. (2010). Descrição do gênero “defesa” de trabalho de grau. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 10, n. 3, p. 635-660,

set./dez, pp. 635-660.

CALRSON, Marvin (2011). O Entrelaçamento dos Estudos Modernos da Performance e as Correntes Atuais em Antropologia. **Estudos da Presença**, v. 1, n. 1, jan./jun, pp. 164-188.

DAWSEY, John C (2007). Sismologia da performance. **Revista de antropologia**, vol. 50, no. 2, pp. 527-570.

FERRARA, Lucrécia D'A (2018). **A comunicação que não vemos**. São Paulo: Paulus.

GOFFMAN, Erving (1985). **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes.

GOFFMAN, Erving (1981). **Forms of talk**. Pensilvania University Press, 1981.

LANGDON, Esther J. Performance e sua diversidade como paradigma analítico. **Antropologia em primeira mão**.

MARTINO, Luís M. S. (2018) Genealogia dos Conceitos na Teoria da Comunicação: esboço de um panorama. **Revista Alaic**, v. 15, p. 24-35.

MARTINO, Luis M. S.; MARQUES, Angela. C. S.(2018) A afetividade do conhecimento na epistemologia. **Matrizes**, no. 8, vol.1, pp. 217-234

MARTINO, Luís M. S.; MARQUES, Angela C. S. (2019) Agradecimentos em Teses e Dissertações: as redes da subjetividade na produção acadêmica. **Comunicação & Inovação**, vol. 20, pp. 156-176.

MARTINO, Luís M. S.; SANTOS, Ana Paula. (2020) Questões metodológicas da pesquisa de campo em comunicação organizacional: um olhar a partir da microssociologia de Goffman. **Comunicação, Mídia e Consumo**, Vol. 17, no. 48, jan-abr., pp. 61-83.

MARTINS, Carlos B. (2008) Notas sobre o sentimento de embaraço em Erving Goffman. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 23, no. 68, Outubro 2008, pp. 137-143.

OLIVEIRA, Cristiane S. (2017) Do teatro à performance - um lugar de colapso. **Landa**, Vol. 6, no. 1, pp. 22-40.

PEIRANO, Mariza (2006). Temas ou teorias? O estatuto das noções de ritual e performance. **Campos**, vol. 7, no. 2, pp. 9-16.

PIERELLA, Maria P. (2014). **La autoridad en la universidad**. Buenos Aires: Paidós.

SCHECHNER, Richard (2013). “Pontos de contato” revisitados. **Revista de antropologia**, vol. 56, no. 2, pp. 23-66.

SCHECHNER, Richard (2011). Performers e espectadores - transportados e transformados. **Moringa**, vol. 2, no. 1, jan-jun, pp. 155-185.

SILVA, Rubens Alves (2005). Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. **Horizontes Antropológicos**, ano 11, n. 24, jul./dez., pp. 35-60.

TURNER, Victor. (1974) **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes.

USERA, Daniel. (2018) 'Cooling the mark out' in relationship dissolution. **Kentucky Journal of Communication**. Vol. 37, No. 2, pp. 4-22.

VAN GENNEP, Arnold (1978) **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes.

VELOSO, Sainy (2014). Entre tablados e arenas: performances culturais. **Urdimento**, v.2, n.23, dezembro, pp. 188-205.

Referências online do material analisado

CANAL do Ensino. Como apresentar uma monografia de forma eficiente. Disponível em <<https://canaldoensino.com.br/blog/como-apresentar-uma-monografia-de-forma-eficiente>>. Consulta em 10.07.2020

FONTENELLE, André. Como apresentar um TCC. 2018. Disponível em <<https://andrefontenelle.com.br/como-apresentar-um-tcc/>> Consulta em 10.07.2020

KUSHNIR, Karina. Defesa de doutorado: dez dicas para sobreviver (e aproveitar). 2015. Disponível em <<https://karinakuschnir.wordpress.com/2015/02/19/defesa-de-doutorado-dez-dicas-para-sobreviver-e-aproveitar/>>. Consulta em 10.07.2020

MARTINS, Milene M. Defesa de mestrado: 12 dicas para se sair bem. 2018. Disponível em <<https://viacarreira.com/defesa-de-mestrado-dicas/>> Consulta em 10.07.2020

MELLO, Marco A. R. O que é uma defesa de tese? 2019. Disponível em <<https://marcoarmello.wordpress.com/2019/10/09/defesa/>> Consulta em 10.07.2020

MOTA, Danilo. 6 Erros de Oratória em Apresentações de TCC. 2020. Disponível em <<https://www.superedesafios.com.br/6-erros-de-oratoria-em-apresentacoes-de-tcc/>> Consulta em 10.07.2020

REIS, Paloma. 10 dicas de como sambar na cara da sua banca de TCC. 2016. Disponível em <<https://www.sobreotatame.com/10-dicas-de-como-sambar-na-cara-da-sua-banca-de-tcc/>> Consulta em 10.07.2020

SGARBI, Adrian. O que não fazer em sua defesa de tese. 2013. Disponível em <<http://pesquisatec.com/new-blog/2013/9/2/o-que-no-fazer-em-sua-defesa-de-dissertao-ou-tese>> Consulta em 10.07.2020

TYBEL, Douglas. Apresentação de TCC. Disponível em <<https://guiadamonografia.com.br/apresentacao-tcc/>> Consulta em 10.07.2020